

Estatística vergonhosa

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

As piores calamidades são aquelas com as quais nos acostumamos.

Com a inflação foi assim: estava tão entranhada nos nossos hábitos que chegava a parecer normal. Inventamos até uma engenharia financeira sofisticadíssima para conviver com ela. Até que um dia nos convencemos, governo e sociedade juntos, de que não dava mais para suportar.

Assim também tem sido com a corrupção: parecia uma praga tão nacional e natural quanto a saúva, mas mostrou também que a paciência do povo brasileiro tem limite.

Acredito que assim será com a violência no trânsito.

As estatísticas são acabrunhantes. Aliás, são vergonhosas. Considerada a relação do número de automóveis por vítimas do trânsito, o Brasil bate recordes internacionais de violência.

É mais que tempo de dar um basta a esse massacre.

É hora de dar nome aos bois: o motorista que despreza as leis e deliberadamente põe em risco a própria vida e a dos outros é um criminoso. Deve ser tratado como tal pela polícia e pela justiça — e assim será a partir da entrada em vigor do novo Código de Trânsito, que o Congresso Nacional está acabando de votar.

Mais importante: assim deve ser encarado pela sociedade. Já pagamos muito caro, em vidas e sofrimento, pelo excesso de tolerância com os maus motoristas. O culto ao automóvel como

símbolo de poder e prestígio com certeza teve parte nisso, supervalorizando a potência e a velocidade em detrimento da economia e da segurança. Os carrões foram saindo de moda depois da crise do petróleo. Falta aposentar — compulsoriamente, se não houver outro jeito — os “ases do volante” que acobertam seus crimes sob o rótulo de “acidente de trânsito”.

Não se pode chamar de acidente o desastre causado por excesso de velocidade, ultrapassagem perigosa, desobediência aos sinais, embriaguez ao volante. Quem dirige assim dirige porque quer, e se quer as causas é inteiramente responsável pelas conseqüências. O sofrimento que inflige não é menor nem menos evitável só porque a arma é um carro, em vez de um revólver.

Ser cidadão é ter consciência dos próprios direitos e respeito pelos direitos dos outros. O fim da tolerância para com a inflação e a corrupção exprime o despertar da sociedade brasileira para esse sentimento.

Respeitar e exigir respeito à lei, inclusive às leis do trânsito, é também um ato de afirmação da cidadania. E é acima de tudo uma atitude de amor à vida, com tudo o que ela tem de belo e de frágil.

Por tudo isso, sou minha voz com entusiasmo ao clamor geral contra a violência no trânsito. E saúdo nessa mobilização mais um passo do nosso avanço, enquanto sociedade, na direção de formas mais civilizadas e solidárias de convivência.